

## O diálogo como forma em Platão: do pensamento à escritura

Deivid Junio Moraes\*

### Resumo

O presente estudo discute a importância da forma dialógica com a qual Platão apresenta seu discurso filosófico. Escrevendo diálogos, Platão teria buscado mimetizar a discussão em torno de temas filosóficos sem, contudo, revelar imediatamente, ou de modo impositivo, o sentido intencionado de sua filosofia. Platão ainda demonstrou certa preocupação com o ensinamento escrito questionando o alcance deste, mas encontrou na forma dialógica uma maneira despreziosa, e ao mesmo tempo sedutora, de representar a procura pelo saber. Embora encontremos na obra do filósofo a hipótese de que a escrita não garante de uma vez por todas a apreensão da sabedoria, Platão serviu-se dela como valioso instrumento de motivação a um pensamento filosófico autônomo.

**Palavras-chave:** Platão, forma dialógica, escrita, *mimesis*.

## The dialogue as Plato's form: from thought to writing

### Abstract

This work discusses the importance of the style which Plato presents in his philosophical discourse. The dialogue is a characteristic form of Plato's philosophy. In his dialogues Plato aimed at representing a discussion on philosophical issues, however, neither does he reveal the intended meaning of his philosophy nor impose it. Plato also showed some concern with the teaching through the writing, questioning the scope of it. He found in the dialogue form an unpretentious but seductive way to diffuse his philosophy. Although teaching through writing does not guarantee, once and for all, the absorption of wisdom, Plato used it as a valuable tool in the initiation of one's self philosophical thought.

**KEYWORDS:** Plato's dialogue form, writing, mimesis.

Entre a oralidade socrática e a filosofia sistemática de Aristóteles temos os diálogos de Platão, “um dos primeiros autores da literatura grega, de quem possuímos todas as obras”<sup>13</sup>. Sua filosofia é apresentada com tanta diversidade de descrições, personagens, situações cênicas, mitos e alegorias, de modo que seria desvantajoso ao leitor mais atento se contentar apenas com os aspectos argumentativos que dali podem ser extraídos, sem considerar o jogo retórico, e, sobretudo, literário elaborado pelo autor. Schleiermacher aponta que, para além das dificuldades que comumente podem ser encontradas quando nos deparamos com os textos de algum autor, no caso de Platão há algo de peculiar, a saber, o total distanciamento do filósofo das formas habituais de comunicação filosófica. De acordo com esse pensador alemão “existem principalmente duas formas nas quais se move com o máximo de prazer a maior parte daquilo que normalmente é chamado de filosofia”<sup>14</sup>. Uma é chamada de sistemática, a outra, fragmentária.

O modo de apresentação sistemático da filosofia costuma seguir certa divisão do pensamento filosófico em áreas específicas – lógica, metafísica, ética, estética. Cada uma dessas áreas é dedicada a um saber especial coerente com o todo. Num sistema filosófico, geralmente, “tudo pode ser medido e desenhado novamente”, e ainda que esses edifícios se apresentem, não raramente, mal fundamentados ou seccionados arbitrariamente,

[...] eles possuem um aspecto cativante de solidez e ordem, e considera-se fácil não apenas entender o particular por si, mas também em contexto com as outras partes do edifício, contexto para o qual o próprio autor tem que dar instruções claras através de referências inequívocas<sup>15</sup>.

A forma fragmentária, por sua vez, não menos usada ou preferida, busca tornar o pensamento filosófico compreensível mediante fragmentos dispersos, “dos quais dificilmente pode-se ter

---

\*Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista CAPES. Orientadora: Imaculada Kangussu. Contato: [deividjunio@gmail.com](mailto:deividjunio@gmail.com)

<sup>13</sup> TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Eduardo de Barros Rey Prudente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003. p. 21.

<sup>14</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 32.

<sup>15</sup> *Ibidem*. p. 32.

certeza se são realmente membros ou apenas partes separadas arbitrariamente e contra sua natureza”<sup>16</sup>. E embora esta maneira de apresentação filosófica possa ser tomada como superficial e incompreensível, por não haver consenso quanto à posição central entre os fragmentos, não pode ser negado a esta forma de apresentação certo aspecto de leveza e segurança.

Também utilizado com frequência, o tratamento dialógico tornou-se a forma da filosofia platônica por excelência, embora outros filósofos tenham se servido desse modo expressivo de escrita. E mesmo que o saber filosófico, como veremos adiante, só seja decisivo quando inscrito na alma (*psykhé*), pois não pode ser inteiramente fixado em letras, a escrita torna-se, com Platão e seus diálogos, aquilo que Sócrates diz no *Fedro*: um divertimento com pequenos “jardins literários”, como as jardineiras que os devotos de Adônis cultivavam, por hábito ou passatempo, antes de se dirigirem aos campos para a grande sementeira anual<sup>17</sup>. Como uma espécie de ensaio ou experiência, o diálogo platônico procura, ao que parece, representar uma discussão em torno de temas filosóficos sem, contudo, pretender revelar gratuitamente o verdadeiro na profundidade que lhe é apropriada. Platão vai mostrando com a forma dialógica as direções de um percurso cuidadosamente elaborado, tangenciando pensamentos dignos de consideração, não os levando necessariamente ao arremate. Schüler observa que o texto de Platão, por não se comportar como um registro fidedigno ou literal, seja dos fatos que dramatiza, seja de uma teoria acabada que o autor teria em mente, “estimula a reflexão, reavivando a voz cáustica, irônica, que os atenienses queriam para sempre silenciada. A escrita não aparece aqui como capa de ocultos sentidos, mas como fonte de intermináveis significações”<sup>18</sup>.

Pois bem, o problema relacionado à escrita aparece de maneira dramática na figura do jovem Fedro que, no diálogo homônimo, pode ser visto como o “cultor ingênuo e entusiasta dos discursos, a ponto de aprender de memória um discurso de Lísias e colocá-lo por escrito”<sup>19</sup>. Oferecendo-se, contudo, ao ensinamento de Sócrates, a atitude do jovem vai se modificando, não sem dificuldades, até o ponto em que ele começa a compreender que os discursos não refletem perfeitamente o saber mais precioso e interno da alma e, por conseguinte, o que for

---

<sup>16</sup> *Ibidem*. pp. 32-33.

<sup>17</sup> Cf. PLATÃO. “Fedro”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1975. v. 5. 276.

<sup>18</sup> SCHÜLER, Donald. *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001. p. 18.

<sup>19</sup> TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Eduardo de Barros Rey Prudente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003. p. 176.

mais caro ao filósofo não pode ser escrito com precisão. O *lógos* vivo da alma seria, portanto, diverso e mais elevado do que o “divertimento” proporcionado pelo *lógos* escrito, pois esse consistiria numa representação, ou apenas imagem (*mímema*) daquele – compreendendo-se, aqui, o caráter de *techné* dessa representação mimética exercida pela escrita em relação ao discurso pensado internamente<sup>20</sup>. No mito de Thoth<sup>21</sup>, a escrita é responsável ainda pelo enfraquecimento da memória ao tornar os homens esquecidos, confiantes apenas nos livros; ela produz, portanto, uma aparência do saber, pois causa na alma uma dependência externa, um recurso alheio a si mesma e, desse modo, uma falsa anamnese, posto que o inteligível só pode ser alcançado na interioridade da alma.

O problema reaparece na *Carta VII* quando Platão discute a recepção, pelo público, de uma obra escrita, apontando para o duplo risco que corre para além daqueles poucos que, com indicações escritas precárias, descobririam sozinhos a verdade. O primeiro risco da exposição escrita é a sua vulgarização por certos leitores que se encheriam de um desprezo imerecido e fora de propósito, com relação à filosofia; e, o segundo, tratar-se-ia de um público que fosse demasiadamente tomado de esperança de, ali, poder, enfim, possuir uma verdade de importância transcendental<sup>22</sup>.

Platão não foi, parece evidente, um filósofo que não tenha se preocupado com o estatuto do discurso, escrito ou oral. E podemos dizer que, escritor que foi, Platão demonstra ter pensado cuidadosamente sobre seu ofício. Com toda desconfiança em relação à escrita, dificilmente Platão pode ser acusado de ter ele mesmo infundido à escrita um espírito menor. Platão nos legou tantos escritos que isto, tão somente isto, demonstra seu empenho de escritor, uma vez que tenha dedicado sua vida, desde o início da idade madura até a mais avançada a desenvolver sua obra, sempre à procura de tornar “também o ensinamento escrito o mais semelhante possível àquele ensinamento melhor, e foi bem-sucedido nessa tentativa”<sup>23</sup>. Ao menos toda sua

---

<sup>20</sup> A doutrina da mimesis refere-se ao procedimento de fabricação de imagens. Trata-se do processo em que o poeta, enquanto produtor, está engajado em sua ação, podendo responder por isso. A natureza dessa atividade se assemelha mais a uma *techné*, isto é, um conjunto de procedimentos e saberes organizados de tal modo que possa ser transmitido, didaticamente, para a feitura de produtos práticos.

<sup>21</sup> Cf. PLATÃO. *Op. cit.* 274-275.

<sup>22</sup> Cf. PLATÃO. *Carta VII*. Tradução de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008. 341e-342a.

<sup>23</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 43.

obra é uma prova de que o filósofo encontrou maneiras de se servir da escrita sem, entretanto, cair na rigidez da letra, resguardando-se a um só tempo da indisponibilidade do leitor e da venda barata de pensamentos.

Qualquer cidadão ateniense podia possuir o manual de Anaxágoras por um dracma no mercado da cidade, como nos conta a *Apologia de Sócrates*<sup>24</sup>. Mas, como vimos, a verdade não pode ser possuída como costumamos dizer que possuímos um manual na estante de uma biblioteca pessoal, tampouco vendida como propriedade, e este é, finalmente, o motivo da controvérsia contínua na obra platônica com relação aos sofistas, que se portam como mestres da sabedoria, cobrando pelas habilidades que prometem, e, ao se expressarem, faziam arrematar a verdade, arrancando-a de seu espaço investigativo e espontâneo, como advertira o Sócrates de Platão. O diálogo platônico, por sua vez, possibilita, com sua forma singular de processamento, o reflexo de aspectos identificáveis: nada nos diálogos parece encerrado em conceitos rígidos, nem em teses arrematadas. Até mesmo os termos pretensamente “típicos do platonismo”, como *eîdos*, são utilizados conscientemente, nos diálogos, de modo não terminológico, valendo-se ora de um sentido específico, ora de outro, e, em diversos momentos num sentido mais geral e próximo do vocabulário cotidiano.

O público para o qual Platão teria escrito sua obra, aponta Koyré, “era uma personagem singularmente avisada [...] e singularmente inteligente”<sup>25</sup>, nos parecendo lícito supor que seus ouvintes de fato compreendiam melhor do que nós as alusões disseminadas nos diálogos, e não se enganavam, ou se enganavam bem menos, acerca “do valor de elementos que a nós nos parecem muitas vezes acessórios”<sup>26</sup>, e até ruidosos no texto; sabiam eles muito provavelmente da importância dos personagens dramáticos, dos protagonistas, do tom dos discursos, detalhes das ações e do cenário

É de fato comum identificar Platão com grandiosas imagens minuciosamente descritas, tais como a alegoria da caverna, mitos e metáforas ricos em detalhes e, em parte, provocadores que, por sua vez, não se deixam fixar, parecendo antes um estímulo bem colocado, capaz de proporcionar uma continuidade fantasiosa à trama do pensamento ilustrado. Em seus diálogos,

---

<sup>24</sup> Cf. PLATÃO. “Apologia de Sócrates”. In: \_\_\_\_\_. *Sócrates*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 52.

<sup>25</sup> KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984. p. 14.

<sup>26</sup> *Ibidem*. p. 14.

o filósofo propõe situações engenhosamente elaboradas, e a atmosfera de cada um deles, quase sempre, comunica claramente, embora não gratuitamente, aquilo de que se está tratando. Platão não se empenha em nomear suas proposições por meio de formulações inequívocas; as situações e atmosferas que ele cria “continuamente atraem o pensamento para uma ramificação filigranada em âmbitos jamais abordados *expressis verbis*”<sup>27</sup>. Tais situações e o tom direcionado ao diálogo apontam sutilmente para o que está sendo dito:

[...] quem na leitura do *Fédon*, por exemplo, não compreende para onde caminha o desenvolvimento dialógico como um todo também não reconhecerá por que alguns dos argumentos em favor da imortalidade da alma são apenas aduzidos para que propositalmente fracassem, e quais são eles. Inicialmente, não são de modo algum os argumentos de Platão, mas os de seus personagens, e, não raro, seu comportamento é mais crucial do que seus argumentos. O *Fédon* nos fornece um exemplo disso com a personagem de Sócrates no diálogo, do qual Fédon em retrospectiva diz repetidamente que a pessoa o convenceu, mas nem uma vez sequer os argumentos<sup>28</sup>.

Assim configurados, a fala e o comportamento dos personagens não nos permitem uma leitura, digamos, dogmática quando evidenciam, e não ocultam, os recursos da argumentação que são estranhos a ela. Isto garante ainda que o pensamento, mesmo expresso pela escrita, não vagueie de modo indeterminado, mas ao contrário, estabelece condições para que se construa, pouco a pouco, um ordenamento das ideias a partir das convicções prévias que os próprios personagens apresentam, e que, com elas, também o leitor não raramente se identifica. Os diálogos partem sempre de situações concretas do cotidiano, da vida em que os personagens estão envolvidos, e, destas situações, constrói-se um caminho, “doravante sobre um outro terreno: já não é de si próprios que falam, não é já suas opiniões que exprimem; deixam falar [...] uma outra realidade que não é nem um nem o outro, que está presente em cada um e *que é o próprio discurso*”<sup>29</sup>.

Schleiermacher chama atenção que Platão consegue, pelo modo como escreve, alcançar uma interação mútua com o leitor; seu método era o socrático (*dialektikê*) e, com ele, vê-se possível penetrar profundamente a alma do ouvinte. A forma dialógica tornou-se-lhe alternativa, na

---

<sup>27</sup> SCHÄFER, Christian (Org.). “Introdução do editor”. In: \_\_\_\_\_. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 15.

<sup>28</sup> SCHÄFER, Christian (Org.). “Introdução do editor”. In: \_\_\_\_\_. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012. pp. 15-16.

<sup>29</sup> CHÂTELET, François. *Platão*. Tradução de Souza Dias. Porto: Rés Editora, 200\_. p. 32.

medida em que ela é capaz de imitar aquela comunicação mútua original, sendo “tão indispensável para os seus escritos quanto para o seu ensino oral”<sup>30</sup>.

Embora Platão se queixe de “quão incerta a comunicação dos escritos sempre permanecerá, tanto se a alma do leitor a reproduz de maneira também autônoma [...], quanto se a alma do leitor [...] tiver chegado apenas a uma compreensão vazia”<sup>31</sup>, a escrita, porém, merece ser experimentada, talvez mais em função daquilo que ela representa para o escritor do que “em função daquilo que poderia vir a ser para aqueles que ainda não sabem”<sup>32</sup>. O cuidadoso trato literário que Platão devota à sua filosofia é ainda mais nítido se considerarmos que o filósofo tinha de se precaver para não causar no leitor uma “fantasia vazia do saber”. Por isso, Platão jamais pronuncia o fim de sua investigação literalmente, obrigando a alma a procurá-lo, ou conduzindo-a a um caminho possível de encontrar a verdade. Schleiermacher percebe tal procura como um processo, um percurso:

[...] primeiro acontece quando ela [a alma do leitor] é levada à consciência do estado de ignorância de uma maneira tão clara que fica impossível para ela permanecer de boa fé nesse estado. O segundo quando se trama um enigma, a partir de contradições, para o qual o pensamento intencionado é a única solução possível, e quando se faz, de maneira casual, aparente e totalmente alheia, alguma alusão que somente encontra e compreende aquele que procura efetivamente e de maneira autônoma. Ou o próprio estudo é revestido não com algo parecido a um véu, mas com uma pele própria que esconde ao desatento, e somente a ele, aquilo que efetivamente deve ser observado ou encontrado, mas ao atento apenas aguça e purifica ainda mais o sentido para a coerência interna. [...] Esses são mais ou menos os artifícios através dos quais Platão consegue, com a quase totalidade dos seus leitores, alcançar aquilo que deseja, ou pelo menos evitar o que teme<sup>33</sup>.

Os diálogos mimetizam<sup>34</sup>, pois, a *procura pela* verdade sem a expor de modo definitivo. Platão soube representar o movimento do pensamento nessa investida pela *sophía*, e aqui vale

---

<sup>30</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 43.

<sup>31</sup> *Ibidem*. p. 42.

<sup>32</sup> *Ibidem*. p. 42.

<sup>33</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. pp. 44-45.

<sup>34</sup> No *Sofista*, a *mimesis* é subdividida em duas modalidades: arte da cópia e arte do simulacro. A poética pertence à arte do simulacro, sendo constituída a partir da *dóxa* (termo grego traduzido comumente por “opinião”), enquanto o discurso filosófico, embora também seja mimético, pois não apresenta o objeto ou a ideia mesma diante de si, mas a palavra, constitui-se da ciência ou *epistème*. Cf. PLATÃO. “Sofista”. In:

considerar que fora atribuído ao pensamento certo caráter dialógico – um diálogo da alma consigo mesma<sup>35</sup>. Koyré ressalta que os diálogos platônicos são composições dramáticas a tal ponto fascinantes, que as ideias e os personagens se põem diante do leitor, se confrontam e desempenham com mestria o seu papel<sup>36</sup>. Platão é mimeta de todos os seus personagens, inclusive daqueles que poderiam ser considerados “anti-platônicos”:

[...] mimeta de Górgias, de Protágoras, de Trasímaco, de Hermógenes e de Crátilo, de Lísias e de Sócrates com e sem inspiração, de Eutidemo e de Dionisodoro... Platão criador, pelo diálogo mimético, da filosofia como gênero literário ímpar. Tudo isso é pouco porque ainda vê o artístico da obra platônica pela posição do ‘sujeito’ Platão, ou pelo caráter do remate de sua mão. É preciso vê-lo, porém, no próprio conteúdo dessa obra, na sua “objetividade”<sup>37</sup>.

Ao lançar mão de uma forma como o diálogo, ele, que o faz de modo exemplar, toma para si algo do processo criativo próprio do poeta em sua tentativa de expressar um pensamento, uma situação, de tal modo que o conteúdo pareça impossível de ser apresentado de outra forma, o que acarretaria em transformação do próprio conteúdo, e, por conseguinte, da própria forma de comunicação do autor. E ainda que Platão não possua a autoridade de poeta, “não se pode negar a Platão o título de poeta”<sup>38</sup>.

A exploração de recursos miméticos nesse filósofo que é frequentemente lido, sobretudo pelos pensadores modernos, como inimigo das artes, sendo até hoje “o espantalho mor de todas as investidas antimetafísicas interessadas na reabilitação da arte, da sofística, do corpo, do devir, do mundo sensível, da finitude, do que for”<sup>39</sup>, soa paradoxal. O paradoxo torna-se ainda mais complexo se considerarmos que, de modo óbvio, toda a história da estética começa, ou deve começar, por Platão. Desse modo, ficamos com o seguinte: “as regras do jogo reflexivo estabelecidas por ele [Platão] mostram-se tão

---

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. 236b; 264a; 267d-e.

<sup>35</sup> Cf. PLATÃO. “Sofista”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. 263e.

<sup>36</sup> Cf. KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984, p. 12.

<sup>37</sup> RIBEIRO, Luis F. B. “Sobre a estética platônica.” *Viso: cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=2>>. Acesso em: 29 jul. 2013, p. 7.

<sup>38</sup> SCHÜLER, Donald. *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001. p. 89.

<sup>39</sup> RIBEIRO, Luis F. B. “Sobre a estética platônica.” *Viso: cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=2>>. Acesso em: 29 jul. 2013, p. 5.



definitivas que, ainda que se queira reverter o jogo platônico, o resultado parece sempre previsto na trama dos *Diálogos*<sup>40</sup>. Difícil e, talvez sem grandes ganhos, seria a tarefa de separar a *letra* do *espírito* com o qual Platão se faz compreender. Juntos, conteúdo e forma – letra e espírito – podem produzir um efeito tal, que compostos de outra maneira produziriam outros efeitos. A questão que nos cabe pensar aqui é a seguinte: que propósitos teria Platão em optar por escrever diálogos? Haverá para isso um motivo determinado?

Depois de Platão, sabemos que outros filósofos também deram à sua filosofia a forma elaborada do diálogo, embora qualquer deles jamais tenha alcançado o gesto inaugural de Platão. Schleiermacher comenta que:

[...] várias pessoas usurparam a fama de serem imitadores bem-sucedidos de Platão, de serem talvez até mais socráticos e claros, apesar de não terem sabido fazer nada a partir da forma artística de Platão a não ser dar uma roupagem frouxa a esse tratamento desprezado<sup>41</sup>.

Argumenta-se ainda que a distância entre Platão e qualquer autor que faça uso da forma dialógica se deve ao fato de que eles, ao contrário de Platão, teriam escrito diálogos porque, de fato, queriam escrever diálogos; enquanto Platão, por algumas indicações em sua própria obra, realmente não queria escrever. O diálogo como forma teria sido, para o filósofo, uma saída, supõe-se, ao dilema que surge inevitavelmente daquele ponto de vista acerca da escrita. Entretanto, a forma dialógica sob a qual Platão investe sua filosofia acaba por revelar-se como um ambiente bastante útil, que mais esclarece do que confunde. Sobre isso Schleiermacher acusa de duplamente errôneos os julgamentos sobre Platão da parte daqueles que afirmam ser inútil procurar algo completo na obra do filósofo, negando a existência de traços fundamentais do pensamento e doutrina do filósofo nos escritos considerados demasiado incoerentes e oscilantes, pensando estar fora deles algo que mereça consideração<sup>42</sup>. Aqueles que costumam defender tal posição, qual seja, a de que é possível reconstituir algo do ensinamento platônico que não está

---

<sup>40</sup> MUNIZ, Fernando. “Platão contra a arte”. In: HADDOKC-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. pp. 15-16.

<sup>41</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 33.

<sup>42</sup> *Ibidem*. pp. 34-35.

dado pela sua obra escrita – “teoria esotérica” –, se apoiam, precisamente, em seus escritos, mais precisamente na crítica à escrita que Platão escreveu no *Fedro*<sup>43</sup>.

Soma-se a esse problema o fato de seus diálogos apresentarem diversas alegorias e mitos que entremeiam aquilo que alguns propõem delimitar como “argumentação puramente filosófica”. E ainda: “Platão combate o mito e elabora mitos”, diz Schüller<sup>44</sup>. Se considerarmos que os discursos mítico e o filosófico, entre outros, são pautados pela possibilidade do alcance da origem, ou do intento de se poder dizer a origem de algum modo, então mito e filosofia caminham solidários, quanto mais em Platão, onde fica clara a possibilidade de um trabalho harmonioso entre poesia e filosofia. Platão objetiva a livre reelaboração dos mitos, porém não mais usando do elemento mítico como relato e retenção de personagens e acontecimentos do saber consagrado; em lugar da aceitação piedosa conquistada pela voz dos poetas, o filósofo propõe a reflexão. Afinal, Platão parece bem mais preocupado em preservar vigorosa a inventividade socrática, pouco se importando em atestar as palavras do mestre de maneira documental, abrindo caminhos para uma filosofia muito mais próxima da ficção. Por esse motivo, a escrita platônica “rompe com os compromissos da memória, recurso de poetas para legitimar os versos com a autoridade das Musas”, substituindo “a memória pelo texto escrito, ambíguo, lacunoso, feito para refletir e não para recordar”<sup>45</sup>.

De acordo com Châtelet, as “filosofias pré-filosóficas” pertenciam à ordem do *dizer*, e não da *elaboração* que constituirá a composição platônica. As formas anteriores apresentavam suas concepções de mundo dogmaticamente ou liricamente através de poemas ou lições, impondo-se como boas ou verdadeiras; discorrendo acerca dos fatos, o *dizer* bastava-se a si mesmo. Um tal discurso, por ser mais atento “às coisas de cá em baixo”, distingue-se, apenas por isso, dos dizeres proféticos revelados religiosamente; e acaba por experimentar a situação de um dizer injustificado, exatamente por não explicar porque diz isto em lugar daquilo, confrontando-se com um espaço público onde a palavra ganha cada vez mais importância e atenção. A esta altura, Platão compreende a necessidade de rever o estatuto do discurso. Num momento em que a palavra (*lógos*) está alojada no domínio do discurso público, a palavra poética é recolocada no

---

<sup>43</sup> Cf. PLATÃO. “Fedro”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1975. v. 5. 274c-275e.

<sup>44</sup> SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001. p. 57.

<sup>45</sup> SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001. pp. 17-18.

domínio divino-religioso. A proposta platônica parece ser a elaboração de um discurso que se constrói e acontece como uma construção, que procura superar o que se estabelece e se impõe de maneira injustificada e sem discussão:

Ora, o meio pelo qual um tal discurso pode ser construído, é precisamente o diálogo. No diálogo, afrontam-se dois *dizeres*, duas opiniões, duas paixões. Mas basta que um dos interlocutores compreenda que o afrontamento não tem saída além da confrontação para que um novo tipo de fala surja. De Sócrates, Platão aprendeu que era preciso dialogar não para *dizer*, mas para deixar o outro experimentar pouco a pouco a inutilidade, o vazio do seu discurso. E quando o outro fica entregue à desordem, quando experimenta, na confusão, ao mesmo tempo a impossibilidade e a necessidade de falar, então, da questão posta por ‘aquele que sabe que nada sabe’ àquele que julgava saber e que sabe agora que já nada sabe, vem uma solução<sup>46</sup>.

Tudo isto é bem mais do que mera retórica, portanto. O diálogo vivo em que Platão se envolve com seus leitores floresce, consideravelmente, a partir do momento em que cada uma de suas asserções é tomada com seriedade; o leitor deve se espantar com elas e tomar sua própria posição diante delas. E levar a sério as proposições e argumentos no diálogo platônico ainda não é o bastante. A análise de uma ideia e a interpretação de um argumento sob critérios racionais permanecem tarefa principal do amigo do saber, mas, quando se trata de Platão, essa tarefa não é tudo. Qualquer pretensa solução para os seus diálogos só apresentaria novas tarefas. A arte de Platão reside no fato de que quase sempre pensamos saber o que é importante para ele, embora ele não explicita, e, por ele não dizer, consegue nos desafiar a uma relação aberta com o que está escrito. Platão, em seus diálogos, jamais apresentou um ponto de vista próprio, mas apenas soube contrapor os pontos de vista de outros, sem postular qualquer intenção de verdade nisso. Quando seu nome é mencionado, é apenas para justificar sua ausência na cena<sup>47</sup>.

Por isso, o diálogo não pode ser tomado como uma representação direta do que o autor apresenta para si. Trata-se antes de um trabalho de reflexão, uma elaboração sobre o essencial da situação em que os personagens do diálogo são expostos com suas teses e contrastes. Dissolve-se a perspectiva central, radicada no autor, na medida em que são desdobrados pensamentos, abrindo-se ainda o acesso ao leitor que, com sua perspectiva própria, é também convidado a colocar seu pensamento em cena. De acordo com Schleiermacher, portanto:

---

<sup>46</sup> CHÂTELET, François. *Platão*. Tradução de Souza Dias. Porto: Rés Editora, 200\_. p. 32.

<sup>47</sup> Cf. PLATÃO. “Fédon”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. 2. ed. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 59b.

[...] faz parte do interior e da essência da forma platônica tudo aquilo que resulta da intenção de obrigar a alma do leitor à produção de ideias próprias, esse recomeço frequente de uma análise a partir de um outro ponto sem que todos esses fios fossem realmente reunidos num centro comum, aquela progressão aparentemente arbitrária, que só se desculpa pela postura despreendida que uma conversa pode ter, sendo, porém, sempre intencional e artificial, e ainda o ocultamento de um objetivo maior debaixo de um menor, o começar indireto por um detalhe, o uso dialético de conceitos, sendo que o direcionamento para o todo e para as ideias primeiras sempre continua: alguma coisa disso necessariamente deve-se encontrar em todos os trabalhos realmente platônicos com algum teor filosófico<sup>48</sup>.

Uma compreensão plena do caráter dialógico do texto platônico vai além de entendermos que o filósofo apenas queria apresentar vivamente as próprias ideias, mas, sobretudo, instigar e provocar ideias vivas em seus leitores, num diálogo vivo com eles. Não basta por sinal emprendermos uma análise que privilegie ou o conteúdo da obra ou tão somente a linguagem adotada, mas que analisemos a composição como um todo: “cada frase somente poderá ser compreendida em seu lugar e nos contextos limites estabelecidos por Platão”<sup>49</sup>. Tal cuidado nos permite, de acordo com Schleiermacher, compreender o próprio Platão como “filósofo e artista”<sup>50</sup>, e que o bem aproxima daquela defesa de Shelley, para o qual “Platão era essencialmente um poeta”<sup>51</sup>. Nas mãos de Platão, o diálogo torna-se indispensável na medida em que reproduz o movimento do pensamento afluído pelo ensino oral. O tema do ensinamento toma a forma viva no diálogo platônico: “aquela constituição mimética e dramática em virtude da qual pessoas e circunstâncias são individualizadas, disseminando, no entender geral, tanta beleza e graça”<sup>52</sup>.

Platão não abandona o revestimento dialógico mesmo nas passagens em que ele mais se aprofunda em sua abordagem temática. Em quase toda sua obra, quando ele mais recorre ao diálogo o conteúdo parece conduzir o leitor “para a mais sombria seriedade da especulação”<sup>53</sup>. As variadas aporias em que desembocam muitos dos diálogos, terminando sem saída, refletem a

---

<sup>48</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 66.

<sup>49</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002. p. 40.

<sup>50</sup> *Ibidem*. p. 41.

<sup>51</sup> SHELLEY, P. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. Tradução de Fabio Cyrino e Marcela Furtado. São Paulo: Landmark, 2008. p. 85.

<sup>52</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Op. cit.* p. 65.

<sup>53</sup> *Ibidem*. p. 65.

dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de um entendimento mútuo e absoluto acerca de fundamentos últimos ou primeiros, e, desta vez mais, isto não é dito literal e explicitamente, mas expresso pela forma literária própria dos diálogos aporéticos de Platão. A filosofia de Platão consegue demonstrar pela forma com que está revestida que os temas de que trata são inesgotáveis. Dessa maneira, as aporias remetem o leitor a um aprofundamento continuado da questão, mas não sem alguma centelha ou indicações sumárias presentificadas no diálogo que pôde acompanhar. A procura por resposta não tem outra saída senão o enfrentamento da questão. Nesse sentido, Koyré entende que o diálogo verdadeiro é o diálogo platônico, pois evidencia a possibilidade de o diálogo, enquanto gênero literário, não se render ao *simples* artifício de exposição<sup>54</sup>, precisamente porque a obra platônica é dramática. A exposição de sua filosofia envolvida por representações dramáticas, alegóricas e metafóricas revela-se, afinal, mais rica e expressiva do que a simples concatenação dos argumentos, e talvez explique a permanência de sua obra.

#### Referências:

- CHÂTELET, François. *Platão*. Tradução de Souza Dias. Porto: Rés Editora, 200\_\_.
- KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- MUNIZ, Fernando. “Platão contra a arte”. In: HADDOKC-LOBO, Rafael (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- PLATÃO. “Apologia de Sócrates”. In: \_\_\_\_\_. *Sócrates*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores.)
- \_\_\_\_\_. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Carta VII*. Tradução de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_. “Fédon”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. 2. ed. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores.)
- \_\_\_\_\_. “Fedro”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1975. v. 5.
- \_\_\_\_\_. “Sofista”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. 2. ed. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores.)

---

<sup>54</sup> KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984. p. 14.

RIBEIRO, Luis F. B. “Sobre a estética platônica.” *Viso: cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=2>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

SCHÄFER, Christian (Org.). “Introdução do editor”. In: \_\_\_\_\_. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernest. *Introdução aos diálogos de Platão*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG; Departamento de Filosofia, 2002.

SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001.

SHELLEY, Percy Bysshe. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. Tradução de Fabio Cyrino e Marcela Furtado. São Paulo: Landmark, 2008.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Eduardo de Barros Rey Prudente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilheus: Editus, 2003.